

Introdução

Os meses compreendidos entre setembro de 2012 e janeiro de 2013 foram tempos de grande descoberta. Por ocasião da confecção da dissertação de mestrado, entrei em contato com um universo que acreditava, até então, conhecer e ser capaz de definir.

Procurando, inicialmente, entender porque a prostituição feminina continuava existindo em um momento em que se anunciava grande liberdade sexual feminina, fui à busca de clientes de prostitutas, a fim de obter respostas. E elas foram as mais diversas e surpreendentes quanto possível.

A inquietação que me motivara acabou me levando a caminhos e descobertas que não pretendia e esperava. Neste sentido, foi que, através das falas dos clientes, pude observar não só o que impulsionava homens de diversos segmentos sociais e faixa etária a buscarem o contato sexual com prostitutas, como também me deparei com suas representações a respeito de relacionamentos, contatos interpessoais, sexualidade, intimidade, gênero, sexo oposto etc. Ou seja, tendo como chave a relação com a prostituta como elemento revelador de traços da masculinidade, a pesquisa permitiu uma pequena incursão ao universo masculino.

Neste sentido, o trabalho em questão realiza um estudo empírico junto a um grupo de homens que moram no estado do Rio de Janeiro e que apresentam aproximações e afastamentos em relação à idade, estado civil, profissão, nível de escolaridade e classe social. Foram realizadas, ao todo, 10 entrevistas formais e 8 informais com homens que apresentavam idades entre 18 e 54 anos e que, frequentemente, recrutavam os serviços sexuais de prostitutas.

É importante ressaltar que os resultados dos exames foram produzidos a partir de um grupo específico de homens e que, portanto, de forma alguma se pretende generalizável e aplicável a toda realidade social brasileira. Ao contrário, estes resultados exprimem um determinado padrão de masculinidade presente na sociedade do Rio de Janeiro que apresenta relação direta com o grupo de homens analisados.

A forma como trabalhei com entrevistas consistiu no cruzamento das falas dos informantes de forma a observar as variáveis e invariáveis do discurso, objetivando, como já dito, configurar as motivações para o contato com as prostitutas e a construção de masculinidade que se afigura neste discurso. Neste sentido, foi de suma importância dar atenção às situações que apareceram ao longo do contato com os informantes. Algumas delas, embora aparentemente insignificantes, se inseridas e relacionadas com a proposta geral do trabalho, trazem à tona não apenas elementos do universo masculino dos homens que se relacionam com prostitutas, como também mostram toda uma coesão entre atitudes supostamente isoladas e o pensamento do grupo.

Dessa forma, para a organização do estudo e dos seus resultados se tornou relevante atentar não só para fala dos informantes, como também para um conjunto de indícios, detalhes, rastros que deram toda uma expressão para a pesquisa. Quero dizer com isso que para entender o que motiva os clientes nesse comércio do sexo é necessário analisar o discurso dos informantes não isoladamente, mas, antes, inseri-lo em um contexto maior, fundamental para a compreensão deste discurso.

É necessário apontar que a escolha dos informantes não foi arbitrária. Ao contrário, ela foi orientada a partir da contribuição generosa de um amigo que iniciou a formação da rede. Foi através da sua indicação inicial que os demais informantes foram estabelecendo conexões através dos subseqüentes e variados contatos. Entendo, neste sentido, rede como um mecanismo de compreensão de interação social entre indivíduos, apropriando, para tal, o termo no sentido em que Barnes (1987) o adotou: “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos.” (p. 167). É dessa forma que acredito ser possível traçar um perfil da auto-representação que esses homens fazem de si e do universo masculino, a despeito das possíveis diferenças que possa haver entre eles.

Este trabalho, portando, pretende apontar as motivações que impulsionam homens cariocas a buscarem o serviço sexual de prostitutas, bem como apresentar o imaginário e traços de masculinidade que delineiam o discurso dos homens em questão.

Ao se trabalhar a relação cliente-prostituta, é preciso ter em mente que prostituição, enquanto sujeito histórico, é formado por rupturas e continuidades. A prostituição de agora não é a mesma que a do século XIX. Se o termo foi utilizado no passado para designar a oferta de sexo feminino a homens que precisavam extravasar a sua energia sexual nas prostitutas, como garantia de sua sanidade e saúde física ao mesmo tempo em que assegurava a manutenção da família nuclear burguesa e de suas virgens, sem dúvida, podemos dizer que, atualmente, tal ocupação apresenta contornos e desempenhos diferentes. Se antes ela apresentava uma função clara e demarcada, talvez não possamos falar o mesmo para o contemporâneo.

Pensando em um termo que possa mais esclarecer do que confundir e tendo como hipótese que a atividade da prostituta não se limita apenas àquela desempenhada no século XIX, acredito que o termo “sexo pago” possa ser uma alternativa para se tratar o tema no contemporâneo. O termo sexo pago, dessa forma, pretende abarcar situações e comportamentos diferentes e que vão além daqueles que envolviam clientes e prostitutas no passado.

O sexo pago pode ser pensado, assim, como parte de um circuito de consumo característico do masculino. Ele apenas não só faz parte de um hábito cultivado entre homens, como também suas conotações extrapolam a simples troca de sexo por dinheiro, ele envolve também intenções e expectativas. Ao pagar pelo sexo, esses homens ingressam em um mercado que consome não apenas mulheres e sexo, mas também bebidas, conversas, interações, poder, segurança e confiança. O dinheiro que entremeia a relação nem sempre aparece de forma clara e formal como aquela estabelecida entre cliente e prostituta. Muitas vezes, e não são poucos os casos, os homens lançam mão do dinheiro, como forma de garantia de sucesso no contato sexual com uma não profissional do sexo. Nestes casos, a intenção também tem o seu valor. Ela se apresenta em forma de cortesia: jantar, boate, festa, bebidas. Os homens, portanto, pagam para não receber um “não”, para afastar a rejeição e garantir o sucesso da investida. Em duas palavras, o sexo pago envolve a certeza de sucesso e praticidade na conquista sexual.

Não é por coincidência que fui alvo de investidas por maior parte dos informantes. Ao abrirem sua sexualidade para mim, acompanhada de tulipas de

chopes, esses homens se sentiram mais à vontade e seguros, pois me prestaram um favor e, de alguma forma, esperavam que o mesmo fosse retribuído.

Outro exemplo, que será abordado nos capítulos seguintes, diz respeito a uma jovem que foi expulsa da casa do próprio rapaz que a abrigou por se recusar a ter relações sexuais com ele. Não se tratava de uma prostituta, mas o caso demonstra bem as dimensões do sexo pago. Mais do que a tradicional troca de sexo por dinheiro, havia a troca de favores e intenções. Como o rapaz a “bancou” a noite toda, se sentiu no direito de cobrar o favor com sexo. Como o seu desejo não foi atendido, ele expulsou a moça de sua casa, como em uma quebra de contrato, como quando se compra um produto que pode ser devolvido por não atender às expectativas do consumidor. O dinheiro que permeou o primeiro contato do casal assume a função de garantir a praticidade da aproximação e a segurança do ato sexual.

Neste sentido, acredito que a prostituta representa um poderoso atrativo não só a nível sexual, como afetivo por apresentar não a possibilidade, mas a segurança, a certeza de um encontro bem sucedido, de um sexo garantido, com o mínimo de perda de tempo. A prostituta, portanto, ainda é, entre os homens cariocas que circulam pelo Rio de Janeiro contemporâneo, o corpo por excelência para a experimentação do sexo pago.

O trabalho está estruturado, basicamente, em três capítulos. No capítulo 2, faço um breve percurso da minha trajetória nas Ciências Sociais e como surgiu o interesse em pesquisar clientes de prostitutas. Neste capítulo, ainda, apresento em que contexto e de que forma se construiu um modelo de mulher ideal e suas atribuições, que estão sempre em diálogo, por oposição, com os das prostitutas. Exibo o discurso corrente, no final do século XIX, início do XX, acerca da função da prostituta na sociedade da época. Por fim, faço algumas considerações a respeito do trabalho de campo, suas implicações, angústias e revelações.

O capítulo 3 trata da liberação sexual feminina no Rio de Janeiro. Pretendo demonstrar, sempre à luz da fala dos informantes, que essa liberação não é evidente e que existem, ao longo da cidade, pontos de tensão entre ruptura e permanência. Uma vez refutado o pressuposto que levei a campo, novas problemáticas surgem.

O capítulo 4 procura responder às novas questões que se delinearam ao longo do trabalho. É nele que o campo é enfatizado e detalhado, bem como são analisadas as falas dos clientes a respeito da motivação para o contato com as prostitutas. É esboçado e analisado, então, um padrão de masculinidade que emerge na fala dos informantes. O objetivo é observar como esse padrão se efetua e atualiza na relação sexual com a prostituta.

Fazendo um breve apanhado dos temas e assuntos tratados ao longo do trabalho, na Conclusão faço alguns levantamentos a respeito da sexualidade feminina e como ela dialoga com uma masculinidade definida, em muitos termos, em um contexto tradicional. Aponto algumas permanências na conduta sexual das mulheres e no discurso a respeito da necessidade da prostituição. Termino, por fim, com um resumo esquemático das motivações dos clientes para o contato sexual com prostitutas.